

em casa com

Carlos Junqueira



Há décadas o empresário faz o *design brasileiro brilhar no exterior*. De volta ao país nas temporadas de calor, ele reúne em seu *apartamento no centro de São Paulo* itens colecionados *ao longo de uma vida*, que reluzem em ambientes despretensiosos

TEXTO CAROL SCOLFORO FOTOS RUY TEIXEIRA ESTILO ADRIANA FRATTINI PRODUÇÃO MANU FIGUEIREDO



Na varanda, Carlos toma café em meio às cadeiras espaguete adquiridas na feira da Praça Benedito Calixto e, ao fundo, um vislumbre da sala de jantar, com cadeiras de Geraldo de Barros em torno da mesa Guanabara, de Jorge Zalszupin, sobre a qual repousa o vaso de Domingos Tótorá – na parede, fotografia Raízes, de Eliseu Cavalcante. Na pág. anterior, detalhe do living com vitrola e discos de vinil, escultura de cerâmica *Filhote*, de Paula Juchem, na Janaina Torres Galeria, e luminária garimpada

em casa com

O sofá de Joaquim Tenreiro, com almofadas de Nani Chinellato, é protagonista no living, amparado por carrinho de chá de Martin Eisler (à esq.), com jarra de Denise Stewart, na Dpot Objeto, mesa de apoio de autoria desconhecida (à dir.) e mesas de centro vintage Tiles, de Jorge Zalszupin, com objetos diversos que Carlos garimpoou a vida toda e vaso de Camila Martins, na Dpot Objeto – na parede, fotografias da série *Antropofagia*, de Ruy Teixeira



Em sentido horário, a partir da foto acima: o banheiro reúne itens encontrados ordinariamente; no living, tela de André Ricardo e obra *Clip*, de Regina Silveira, ambas na Galeria Estação; entre o living e o acesso aos quartos, poltrona Reversível, de Martin Eisler e Carlo Hauner, estante de Geraldo de Barros e espelho de Sergio Rodrigues (ao fundo); e, ainda no living, banco longitudinal de aço, com futons e itens como o vaso A15, da coleção Xaxim, de Ian Diesendruck, contracenando com a escultura *Filhote*, de Paula Juchem, na Janaina Torres Galeria, quadro *Sem Título*, de Rafael Pereira, e tapeçaria de Higo Jose, ambos na Galeria Estação

“Tudo da minha vida sempre volta ao Brasil. Então, o bom filho a casa torna”, suspira Carlos Junqueira ao falar deste apartamento de 158 m² no centro de São Paulo. Nos últimos 20 anos, sua trajetória se deu fora do país, em espirais que levaram seu nome e o design brasileiro ao conhecimento do mundo. Tudo começou na década de 1990, quando ele desembarcou em Nova York a passeio e se estabeleceu no mercado corporativo, em uma época de expansão de negócios por lá.

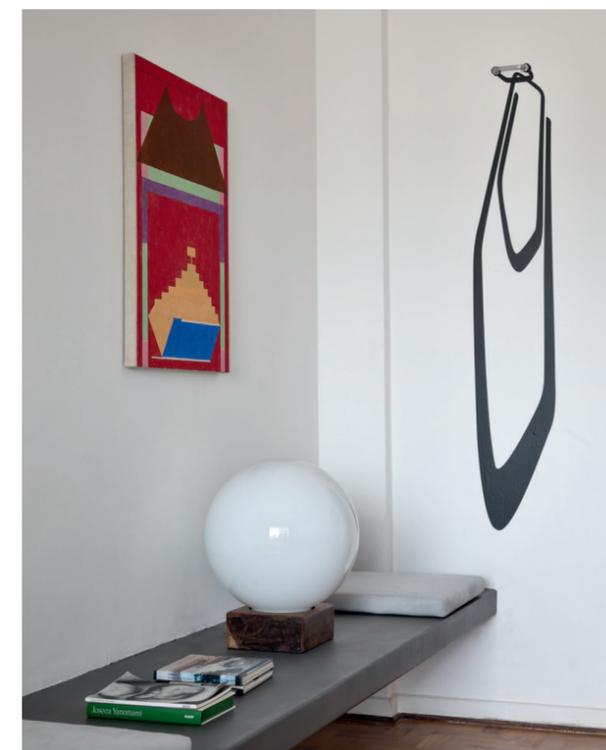
Eis que na manhã de 11 de setembro de 2001, enquanto o mundo assistia pela TV o que parecia filme, a história de Carlos sofreria seu maior impacto. “Tudo caiu, parou, fechou. Foi um desespero e eu me perguntava o que fazer”, lembra. Na busca por se reestruturar, pensou em abrir uma galeria de arte, quando recebeu do amigo Daniel Senise uma ideia melhor: levar o design brasileiro aos americanos. Em Long Island City, no Queens, bairro fora da rota, ele abriu um espaço ao lado do artista. “Pela falta de um nome, começamos a chamar esse local de ‘espaço’. Mas os americanos não entendem o cedilha, então batizei de Espaço.”

Apesar de ser um desbravador ousado, que encarou a ideia de peito aberto, a cada vinda ao Brasil, Carlos sentia a rejeição dos próprios brasileiros à proposta. “Me mandavam embora. Aos poucos fui juntando coisas e preparando o terreno. Nessa fase Carlos Motta me ajudou muito. O design brasileiro tinha a mesma importância da arte, mas era totalmente desprezado por aqui.”

O primeiro contêiner chegou a Nova York com 58 caixas de móveis que precisavam ser retiradas em 40 minutos. Ele e um ajudante o fizeram sem medo. Dois anos depois, o MoMA se mudou para a mesma região da galeria, o que motivou o *New York Times* a fazer uma reportagem que lançou a vizinhança ao estrelato. Estava dada a largada do que se tornou uma missão: a de levar ao mundo o bom desenho autoral nacional. “Há 22 anos a Espaço faz isso e não há outra que faça. Tentam, mas não conseguem”, afirma, convicto. Se, nesse tempo, ele ensinou gente de todo o planeta a falar os nomes de Sergio Rodrigues, Oscar Niemeyer, Geraldo de Barros e Jorge Zalszupin, agora entra em uma nova fase. “O grande desafio é contar uma história bem contada, aceita e respeitada. Foi o que fiz. Nesse segundo ato tenho uma nova narrativa a criar. Sei aonde quero chegar.”

Com a vida estabelecida nos Estados Unidos, Carlos não estava em busca de um imóvel no Brasil. Mas quando surgiu a oportunidade, juntou elementos fortes de seu contexto atual. Aos 63, quer ver mais os pais, que moram em São Paulo. “Além disso, tenho 38 pares de sapatos, mas estou sempre de chinelos, gosto de calor. Fujo de Nova York no frio”, conta. Assim, esse *pied-à-terre* encontrou: em um edifício projetado por João Artacho Jurado em 1954, estava fechado havia anos, ansioso por uma reforma. Carlos encarou a renovação por dois anos e meio, com suporte de uma equipe de engenharia. “Fiz sozinho, sem arquiteto, foi o grande erro da minha vida.

“Tudo aqui está à venda. Mas, no fundo, de verdade, *não quero vender nada*. São *coisas incríveis* que não vão me fazer mais rico ou mais pobre, e sim *mais feliz*”



em casa com



Acima, detalhe do living com mesa lateral de Martin Eisler, banco Jataí, de Carlos e Diego Motta, da Attom, e quadro *Imprudente*, de Jamex; à dir., o quarto de Carlos tem poltrona Mole, de Sergio Rodrigues, mesa lateral de Giuseppe Scapinelli, com garrafa de cerâmica de Rosalva Siqueira, na Dpot Objeto, e mancebo Jataí, de Carlos e Diego Motta, da Attom – a roupa de cama é da coleção Arthur Casas para a Trousseau e a manta, da Oiamao; e, abaixo, a cozinha tem cadeiras de Joaquim Tenreiro em volta da mesa herdada da família, com vaso de Denise Stewart, na Dpot Objeto – na parede, fotografia de Leonardo Finotti



“Casa para mim é *terapia*, é sentir paz, *olhar e me identificar* com o que está dentro”



Gastei três vezes mais, refiz muito. É um prédio velho, tudo é uma tragédia. Em compensação, o apartamento ficou a minha cara”, diz, sem reservas. Apenas a cozinha leva projeto de Arthur Casas, presente de amigo. No mais, desejava a liberdade de expressar sua personalidade. “Sempre comecei pelo fim. Neste trajeto queria evitar uma estrada que me leve aonde não quero chegar.”

Hoje, quando abre a porta do apartamento, se sente orgulhoso – o mobiliário e os objetos que estavam guardados havia anos encontraram seu lugar. Inteiramente vintage, exhibe épocas distintas do design brasileiro. Nada foi revestido, e é natural o diálogo com itens garimpados em feiras como a da Praça Benedito Calixto, em Pinheiros. Não há sequer um móvel novo – e, na visão dele, o belo e genuíno florescem dessa mescla do passado. Diverte-se ao falar do conjunto: “Tudo está à venda. Mas nada está à venda”. A emoção se sobrepõe aos negócios atualmente. “Sou casado com mesas, cadeiras e sofás. São os melhores, pois quanto mais velhos, mais têm valor”, pondera.

“Casa para mim é terapia, é sentir paz, olhar e me identificar com o que está dentro.” Durante o ano, onde houver calor entre São Paulo, Miami e Nova York, ele estará. Em seu país de origem, espera que a varanda inspire os amigos a olharem para o centro da cidade, sem preconceitos. E ele costuma acertar quando aposta em lugares para os quais a maioria torce o nariz. ●



Diante do edifício projetado por João Artacho Jurado, no centro de São Paulo, Carlos posa na Brasília 1978, que sai da garagem toda vez que o empresário vem ao Brasil